

II CONGRESSO INTERNACIONAL – LÍNGUAS, CULTURAS E LITERATURAS EM DIÁLOGO: IDENTIDADES SILENCIADAS

Universidade de Brasília – 16 a 18 de agosto de 2018

RESUMOS QUE COMPÕEM O SIMPÓSIO

Simpósio LITERATURA DE RESISTÊNCIA E TESTEMUNHO: VOZES SILENCIADAS

Coordenadores:

Prof. Abílio Pacheco de Souza (UFPA)

E-mail: abiliopacheco@gmail.com

Profa. Liliane Batista Barros (UNIFESSPA)

E-mail: Liliane.barros@unifesspa.edu.br

RESUMO 1

METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA E SEUS OUTROS: RESISTÊNCIA E TESTEMUNHO EM *O REIZINHO MANDÃO*, DE RUTH ROCHA E *COMANDANTE HUSSI*, DE JORGE ARAÚJO

Ana Cláudia dos Santos (UNEMAT)

Genivaldo Rodrigues Sobrinho (UNEMAT)

RESUMO: Este trabalho realiza um diálogo entre os escritores, Ruth Rocha, escritora brasileira e Jorge Araújo, escritor cabo-verdiano. De Ruth Rocha utilizamos: *O reizinho mandão*, e de Jorge Araújo; *Comandante Hussi*. Ao trabalhar com essas narrativas contemporâneas, pretende-se verificar a metaficção historiográfica representada nas obras. Parte-se da hipótese de que essas obras foram escritas tendo como cenário inspirador o cruel contexto histórico de guerra conhecido como 'Golpe de Estado', desencadeado no Brasil nomeado ditadura militar e no país africano Guiné-Bissau manifesto da guerra civil pós-independência. Nosso objetivo é apresentar como os autores denunciaram e registraram o autoritarismo submetido à sociedade. A produção das obras favoreceu para o registro histórico e social dos países por meio do entrecruzamento da História como artefato literário. A pesquisa se ampara em obras de literatura comparada das teóricas Carvalhal (2006) *Literatura Comparada* e Nitrini (2010) *Literatura Comparada - conceitos*. Os dados da pesquisa despontam pistas implícitas e explícitas, verbais e visuais que confirmam o cenário de guerras enfrentado pela sociedade e representado de forma ficcional em obras literárias infantis. Além disso, nas duas obras está inserida a figura infantil como protagonista e representativa do povo/coletivo, e também como heróis da história. Nesse sentido, a obra *O reizinho mandão* representa a resistência ao cenário da ditadura militar no Brasil, já a obra *Comandante Hussi* é uma narrativa de testemunho da guerra civil, haja vista que Hussi era um garoto que vivenciou e lutou na guerra em Guiné-Bissau. Os romances analisados se enquadram em metaficção historiográfica cuja principal característica é combinação de

informações factuais e fictícias, instigando reflexões sobre o conflito, muitas vezes, esquecido pela sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Metaficção Historiográfica; Literatura Infantil Juvenil; Literaturas de Língua Portuguesa; Golpe de Estado.

RESUMO 2

A VIOLÊNCIA QUE NÃO PASSA: REFLEXÕES ACERCA DA OBRA *NA TEIA DO SOL*

Andressa Estrela Lima (UNB)

RESUMO: Este artigo tem por finalidade refletir sobre os eventos violentos que ocorrem na obra *Na teia do sol* (2004), de Menalton Braff, com o intuito de pensar sobre o porquê dessa recorrência violenta e os abalos ocasionados no sujeito representado. A memória figurada no romance trabalha a constante tortura perpetrada tanto no personagem central como em seus companheiros por conta da oposição à ditadura militar brasileira. Os aparatos teóricos são Roger Dadoun (1998), que a partir de seu ensaio tece comentários sobre a violência como constituinte intrínseca do homem; Jaime Ginzburg (2012), que expõe considerações ao passado histórico violento brasileiro e sobre o impacto da violência no sujeito das representações contemporâneas; João Camilo Penna (2007), que dialoga sobre as heranças ditatoriais nos tempos atuais, entre outros. Portanto, a partir da discussão proposta, o legado violento ainda insiste em permanecer no Brasil e que a presença da violência atua fortemente nas variadas instâncias sociais e políticas.

Palavras-chave: Violência, Memória, Ditadura militar brasileira, Heranças ditatoriais, Menalton Braff.

RESUMO 3

A LITERATURA DE RESISTÊNCIA NAS VOZES POÉTICAS DE GAYL JONES EM *SONG FOR ANNINHO* E OLIVEIRA FERREIRA SILVEIRA EM O POEMA SOBRE PALMARES

Karla Cristina Eiterer Santana (UFJF)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar os autores: Gayl Jones e Oliveira Ferreira Silveira, militantes de um movimento intelectual que visa à revisão dos papéis desempenhados pelos afrodescendentes de acordo com o discurso hegemônico. Ambos os autores em suas produções poéticas deixam claro um engajamento, na perspectiva de um resgate histórico, afim de que possam ser apresentadas novas possibilidades de leitura e interpretação da História e da cultura deste povo. Por isso, precisamos trazer para os ambientes acadêmicos textos que produzam reflexões entre a História e a Literatura, como nos alerta Bernd (1988), cumprir reivindicar o espaço ainda não conquistado na sociedade, para autores que estão à margem. A importância dessa pesquisa se dá pela conscientização, da necessidade de tornar audíveis essas vozes, silenciadas por tanto tempo e de fortalecer o discurso que reafirma a importância do negro para a formação histórica do nosso país. A desconstrução dessa ideia pode ser reafirmada de acordo com a crítica negativa de Foucault (1996), a respeito da legitimação não ser para todos, pois há sempre uma ordem de quem pode falar, quando e a quem irá direcionar-se. Diante do esquecimento do passado histórico, dessa experiência traumática para as vítimas do colonialismo, desse fato violento que foi a escravidão, nasceu um

espírito de resistência que luta contra o pagamento das memórias e das subjetividades de pessoas que foram escravizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Zumbi. Memória. Diáspora. Exílio. Identidade. História.

RESUMO 4

A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA COLETIVA E INDIVIDUAL: DORES E TRAUMAS PROVOCADOS POR DITADURAS

Carlos Wender Sousa Silva (UNB)

Resumo: O presente trabalho propõe uma reflexão em torno do período ditatorial na América do Sul, a partir das obras *K.: relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski, *Volto semana que vem*, de Maria Pilla e *Diante da dor dos outros*, de Susan Sontag, na tentativa de evidenciar a formação de uma memória coletiva e individual (HALBWACHS, 1990 e POLLAK) mediante os traumas, dores e cicatrizes (DALCASTAGNÈ, 1996 e GAGNEBIN, 2006) provocadas pelos regimes militares no Brasil e na Argentina. Essa discussão faz-se presente num momento em que países da América Latina e do mundo, dentre os quais destaca-se o Brasil, passam por um período de retrocessos e ampliação de forças fascistas e antidemocráticas. Dessa forma, iremos, por meio de um diálogo entre Literatura e História, considerando as especificidades de cada área, e através da Linguagem (TODOROV, 2003 e BENVENISTE, 1966) como instrumento de uso para estabelecer uma relação de emancipação e questionamentos exposta no texto literário face à realidade humana, apontar nesses períodos as cicatrizes deixadas na sociedade e propor hipóteses que levem a algum tipo de reflexão sócio-histórica. Assim, vamos perceber que a Literatura pode posicionar-se socialmente a partir de elementos da práxis humana. Ou seja, será pontuado o papel da Literatura enquanto possibilidade de tomada de consciência.

Palavras-chave: memória, literatura, linguagem, ditadura, sociedade, Bernardo Kucinski, Maria Pilla

RESUMO 5

FICÇÃO, TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA EM *OLHOS D'ÁGUA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Cristina Ferreira Pinto-Bailey (Washington and Lee University)

Resumo: Esta comunicação apresenta uma análise dos contos de *Olhos d'água*, livro da escritora mineira Conceição Evaristo publicado em 2015, com o propósito de interrogar o papel e alcance da narrativa de ficção como literatura de resistência e de testemunho que empresta voz a indivíduos comumente silenciados no contexto de opressão racial e econômica dos grandes centros urbanos do Brasil contemporâneo. Com este objetivo, examinarei aqui a construção dos personagens de Evaristo como indivíduos que lutam cotidianamente enquanto lhes são tomados seus direitos de cidadania e sua dignidade humana. Minha análise parte da premissa de que as personagens de Evaristo e as situações que enfrentam são representativas de um permanente estado de crise na sociedade brasileira com raízes no seu passado escravocrata e sustentadas pelo racismo que permeia essa sociedade. Esse estado de crise vem resultando em um sistemático quase-genocídio da população afro-brasileira urbana pobre. Considerando que a literatura de Conceição Evaristo se articula sobre o que ela conceitua como *escrevivência*, ou

seja, a escrita da experiência do sujeito afro-brasileiro, é possível ler sua ficção—neste caso os contos de *Olhos d'água*—como literatura de testemunho e resistência, pois a autora inscreve em sua obra a vida, a voz e a presença daqueles que a sociedade silencia e torna invisíveis. Trabalhando com estudos críticos recentes que enfocam a intersecção literatura—direitos humanos, tais como *Human Rights and Narrated Lives* (2004) de Kay Schaffer e Sidonie Smith, e *Post-Conflict Literature: Human Rights, Peace, Justice* (2016) de Chris Andrews e Matt McGuire, discutirei nesta comunicação questões relacionadas à subjetividade e à representação das vozes dos personagens. Apontarei também alguns dos recursos narrativos que a autora emprega em seus contos, os quais permitem a comunicação com o público leitor e sua conscientização sobre o racismo e outras formas de violência institucionalizadas que segmentos da população brasileira ainda preferem ignorar.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; testemunho; racismo; direitos humanos

RESUMO 6

O TRABALHO DE AUGUSTO BOAL NA DITADURA MILITAR - PRIMEIRA FEIRA PAULISTA DE OPINIÃO

Daniele Severi (Università degli Studi di Perugia)

A Literatura de Resistência, a Censura, o poder das Forças Armadas, são todos conceitos enormemente atuais, ainda. Temos que pensar em países como o Venezuela, o Honduras, a Bolívia, onde os partidos de oposição são impotentes e o governos todo-poderosos desrespeitam as leis da Constituição; temos que refletir sobre os governos declarados ilegítimos, aqueles nascidos de um golpe e aqueles onde a democracia é reduzida a uma oligarquia, como acontece na Rússia, na Coreia do Norte ou na Turquia. É fundamental, hoje, lembrar o que aconteceu em situação semelhantes, no passado, ressaltando o trabalho de quem foi preso, torturado e, sobretudo, silenciado. Augusto Boal foi um dos protagonistas da Cultura de oposição ao regime militar que oprimiu o Brasil de 1964 até 1985. Ele foi um eclético do teatro no Brasil que desenvolveu vários papéis: de diretor de companhia a dramaturgo, de teórico a diretor das representações. Sua carreira começou em 1956, quando volta dos Estados Unidos, terminado o seu Doutorado em Química. Em Nova Iorque, além das aulas da sua pesquisa, participou também ao Curso de *Playwriting* de John Gassner, ex-professor de Arthur Miller e Tennessee Williams e fez parte do *Writer's Group*, onde começou a escrever peças teatrais com maior frequência e técnica. Entra na Companhia "Teatro de Arena", fundada por José Renato Pécora, como diretor, ao lado do mesmo Zé Renato. Aqui, devagar, começa uma autêntica revolução do teatro brasileiro. O espetáculo *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, que estreia em 1943, é considerado pelos críticos o começo da moderna dramaturgia brasileira, uma dramaturgia realmente nacional, não imitação da europeia. A corrente que nasceu, porém, em pouco tempo se esgota por causa da falta de escolas, cursos, teóricos; tem poucos jovens escritores determinados, soltos, que não conseguem carregar o teatro brasileiro todo. Boal, no Arena, trabalha nesse campo e no da interpretação, instituindo o primeiro Seminário de Dramaturgia e o primeiro Laboratório de Interpretação, que ajudam a formação de uma nova classe de escritores e de atores. Renovadas as técnicas, é a vez dos conteúdos. Baseado nos estudos de Bertolt Brecht sobre o *teatro épico*, o diretor muda o objetivo das peças: o foco principal é o de conscientizar o povo, as classes mais pobres da população, mostrando os erros da sociedade, do governo, do país, criando um pensamento comum e um bloco de contestação a essas desigualdades. Com o golpe de Abril de 1964, evolui o conflito do Teatro de Arena com

o governo. Agora não é só denúncia das injustiças mas o teatro vira resistência ao regime, denunciando os soprosos, chamando à revolta o povo, criando uma consciência coletiva nos opositores às Forças Armadas. Num primeiro momento, a companhia encena espetáculos revisitados como *Tartufo* de Molière, para criticar o fanatismo religioso, e *O Melhor Juiz, o Rei* de Lope de Vega, onde um camponês se substitui ao Rei, para obter justiça. Apesar do bom êxito de público e da elevação do teatro brasileiro ao nível dos outros europeus, isso não parecia suficiente como crítica e luta ao poder dos militares. É nas peças posteriores que começa, mais forte, o ativismo político do grupo. *Arena Conta Zumbi* e *Arena Conta Tiradentes* são dirigidas por Boal e foram criadas junto com Gianfrancesco Guarnieri, outro protagonista do teatro de resistência. *Zumbi* conta a história da revolta do quilombo de Palmarés, criado por escravos e prisioneiros, fugidos das cidades; os protagonistas são opostos aos colonos brancos, que representam simbolicamente o regime militar. Os generais são satirizados, é evidenciada a estupidez e a crueldade deles e é ressaltada a bondade e a inteligência dos habitantes de Palmarés. Um passo na frente é constituído por *Arena Conta Tiradentes*, que conta a história da Inconfidência Mineira e da sua derrota, em 1789. Aqui os inimigos, o conde Luís da Cunha Pacheco e Meneses e o Conde de Barbacena são pessoas cínicas, imorais mas também muito argutas: eles descobrem a conjuração e prendem todos os participantes, executando o herói Tiradentes, o único personagem positivo da obra. O progresso na segunda obra é evidente e não só no realismo do enredo mas também na autocritica dos movimentos de esquerda que deviam representar a oposição ao golpe: o que aconteceu com os arcades de Minas Gerais representa o malogro dos intelectuais da oposição, que não se juntaram ao povo e nunca desceram na rua para lutar; isso causou o fracasso dos projetos de revolta e a traição dos próprios ideais. A maior obra de contestação à Ditadura militar, organizada pelo Teatro de Arena, é de 1968. *Primeira Feira Paulista de Opinião* estreia em Junho, apesar da Censura. Essa representa a voz da classe artística brasileira toda, como cada tipo de “linguagem” tem sua representação no conjunto. Cada artista é chamado para participar, respondendo (artisticamente) à pergunta “O que pensa você do Brasil de hoje?”; colaboram com o diretor atores, dramaturgos, escritores, poetas, ilustradores, pintores e muitos outros. O projeto é lançado por Lauro César Muniz mas é Augusto Boal quem realiza e dirige a *Feira*. No palco se alternam músicas compostas por Gilberto Gil, Caetano Veloso, Ary Toledo e Sérgio Ricardo e os espetáculos de Lauro Cesar Muniz, Bráulio Pedroso, Gianfrancesco Guarnieri, Jorge Andrade, Plínio Marcos e o mesmo Augusto Boal. São todas expressões de denúncia à opressão, ao cinismo da classe média, de sátira contra os militares. Um pouco diferente é a obra de Boal, *A Lua muito Pequena e a Caminhada Perigosa*, que representa um elogio fúnebre ao comandante Ernesto Guevara, protagonista da Revolução Cubana. O texto é dedicado aos últimos dias do guerrilheiro e inclui a sua morte que, porém, não representa uma derrota mas o eleva simplesmente a símbolo da luta, exemplo para as gerações futuras; nesse texto como nos outros, o dramaturgo exorta o seu público a participar da militância (naqueles anos, relata Cecília Boal, o autor mesmo colabora com Carlos Marighella, da “Ação Libertadora Nacional”). O texto tinha sido enviado aos órgãos de Censura do Governo alguns meses antes do dia indicado para a estréia mas a resposta chegou só alguns dias antes. O resultado era uma total de 65 páginas censuradas que deixava só 15 páginas livres de cortes. Assim o espetáculo ficava liberado, mas irrealizável. Foi então que Cacilda Becker, a grande atriz do século passado, subindo ao palco do Teatro Kusnet declarou a “desobediência civil”; a *Feira* ia ser representada integralmente. No dia da estréia e nas semanas seguintes o público encheu os teatros, não obstante as encenações não pudessem ser publicizadas, porque sentia ser parte de uma revolta, até simplesmente assistindo. Segundo Cecília Boal, foi “o evento do ano”. Isso causou uma retaliação por parte do regime que em Dezembro decretou o Ato Institucional n. 5, uma agravação da censura que emudeceu qualquer forma de denúncia artística; pouco tempo depois Plínio Marcos foi preso e interrogado sobre a sua montagem em que um general do

exército era representado por um macaco; o mesmo aconteceu com Jô Soares, autor da capa do espetáculo, a imagem “Deixe-me Falar”, e de “O Repouso do Guerreiro”, que representa um comandante sentado no vaso sanitário. Augusto Boal é o diretor geral da Feira, como dito, mas é também diretor das peças teatrais e um dos escritores; esse espetáculo pode ser um claro exemplo do mesmo ecletismo do autor que, na sua carreira, assumiu diferentes papéis, em âmbito teatral. A centralidade do artista no conjunto anti-regime foi uma das principais causas do seu encarceramento, poucos anos depois, em 1971. Foi interrogado e torturado por ter ido contra o governo, por ter denunciado a tortura no Brasil e as crueldades em ato no país. No mesmo ano, durante um período de liberdade temporária, fugiu para o exterior. Ficou muitos anos fora e regressou só depois da anistia. Voltou a morar no Rio de Janeiro quando terminou a Ditadura mas na sua autobiografia testemunha que nunca esqueceu o que aconteceu e nunca foi o mesmo depois disso. Boal é um autor bastante conhecido não só no nível nacional, por causa do seu trabalho com o Teatro do Oprimido; esse é um conjunto de técnicas e jogos que servem para libertar o espectador e o ator da opressão. O analfabetismo, a violência doméstica, a ditadura, o racismo, podem ser várias formas de opressão e Boal, depois do exílio lutou cada uma dessas com o seu teatro. O que muitas vezes não é muito lembrado é exatamente o seu trabalho no Brasil, antes e depois, sobretudo, durante a Ditadura. *Primeira Feira Paulista de Opinião* foi um projeto original e contestador que reuniu toda a classe artística brasileira; a luta foi aberta contra o exército, que queria calar essa forma de denúncia, e o risco foi real. Nesse ano são celebrados os 50 anos desde a primeira realização do espetáculo mas o primeiro texto completo das músicas e das peças foi publicado só em 2016. Mais de 30 anos depois da fim do regime militar no Brasil, parece que a censura continue ativa não só nas publicações, mas também nos interesses das pessoas. Sublinhar esse autor, essa obra e o trabalho anti-censura que sempre fez, parece hoje fundamental para continuar a conscientização e a denúncia da disparidade social; essa está ganhando sempre mais força, em todo o mundo.

PALAVRAS CHAVE: Augusto Boal; Censura; Ditadura Militar; Literatura de Resistência.

RESUMO 7

ENTRE O FUZIL E A FOICE: AS DENÚNCIAS DE VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS EM PEDRO CASALDÁLIGA

Eliziane Navarro (UNEMAT)

Interessa-nos analisar, a partir de uma visão da literatura como espaço de como espaço de testemunho, como defende George Yúdice (1992), Márcio Seligmann-Silva (2003), Paul Ricoeur (2007), Beatriz Sarlo (2007) e Giorgio Agamben (2008), estabelecer relações entre a poética do bispo emérito de São Félix do Araguaia/MT Dom Pedro Casaldáliga, ao testemunho resgatado nesses escritos, devido a sua ativa atuação como defensor dos direitos das minorias nos conflitos agrários na região do Araguaia no interior do Mato Grosso em plena ditadura. Para ilustrar esse engajamento escolhemos analisar, dentre as obras do autor, os títulos *Loas e maldições ao 3 de março*, *Cemitério de Sertão* e *Terra nossa, Liberdade* publicados na obra *Antologia retirante* (1978), sob a perspectiva do vínculo direito e literatura, como defende François Ost (2005). Há um substrato íntimo que interliga direito e literatura. Essas duas áreas do conhecimento, aparentemente distantes, relacionam-se seja pela reflexão social e crítica exigida, seja pela

experiência com a ambiguidade da linguagem e sua necessidade de interpretação, tão presencial no cotidiano de quem as tem como atividade laboral. A ficção, em seu caráter de verossimilhança com os discursos compatíveis com a realidade de determinada cultura, pode ser compreendida como potencial material de discussão e mesmo antecipação de questões específicas do direito. Assim, conceber a literatura como uma fonte para a interpretação das relações sociais e, portanto dos problemas jurídicos, é pensá-la como um produto social capaz de resguardar a civilização da barbárie, tal qual é a intenção do direito positivado. Para pensar o direito vinculado à literatura de Casaldáliga, é preciso voltar-se às políticas de colonização, que durante anos, por meio de incentivos governamentais, procuravam deslocar moradores do sudeste, sul e nordeste para as áreas do centro-oeste e norte do país. No entanto, é preciso lembrar também que grande parte dessas áreas, cedidas pelo governo para a colonização, já estavam povoadas. A ausência de clareza nas leis que legitimavam o direito à propriedade, além de gerar discriminação no que concerne à população habitante, principalmente os quilombolas ou indígenas, ainda consagrou o uso da violência, já que ambos os grupos eram, de alguma forma, donos da terra. Com a negligência do poder público, que pouco fez para realmente sanar o problema, a sociedade contou com a intervenção de outra instituição social: a igreja católica em sua corrente progressista que além de se envolver com a criação e o desenvolvimento de sindicatos rurais no século XX, por meio da criação da Ação Católica Especializada, trabalhou em auxílio das minorias oprimidas. Líderes do regime ditatorial vivido no Brasil durante quase vinte anos perseguiram religiosos, como Pedro Casaldáliga, que, em meio à desarticulação de várias instituições e sociedades civil, fizeram da igreja católica a voz de denuncia das injustiça que permearam, principalmente, a apropriação indevida de terras. A noção da terra como um direito de todos é recorrente na obra de Casaldáliga, que prevê a luta por uma terra desprovida de injustiças como uma obrigação coletiva, algo que transcende o próprio ser humano cuja fundamentação está nas leis divinas. O direito à terra, então, é concebido enquanto um direito natural, fundamental à condição do indivíduo, não havendo perspectiva de dignidade de vida humana se ele for desobedecido. É preciso lembrar ainda que, no que concerne à população indígena, a terra não é só um espaço para cultivar o plantio e estabelecer moradia. Neste caso, a questão da terra está intrinsecamente ligada às origens, assim, privá-los de sua terra é privá-los da preservação de sua cultura. No desenvolvimento deste estudo, buscaremos pensar (1) quais denúncias subjazem a as poesias *Loas e maldições ao 3 de março*, *Cemitério de Sertão* e *Terra nossa*, *Liberdade* (2) qual a relação entre o LOAS e a data de 3 de março no Araguaia; (3) qual a concepção de propriedade privada defendida por Casaldáliga; (4) qual o impacto dessas denúncias no cenário jurídico do Araguaia do fim do século XX?; (5) como a poética e a literatura, em geral, podem auxiliar na formação da compreensão hermenêutica das questões sociais na produção teórica e nos processos judiciais; (6) de que forma a poética do autor pode auxiliar na compreensão e enfrentamento dos problemas sociais envolvendo direitos humanos? Nascido na Espanha, Dom Pedro Casaldáliga mudou-se para o Brasil em 1968, instalando-se como missionário no Estado de Mato Grosso tão logo chegou ao país. O escritor dedicou sua vida à defesa das minorias oprimidas na luta entre políticos, latifundiários, posseiros e índios na região do Araguaia. Sua poesia é um manifesto à opressão vivida, sobretudo pelos povos Xavantes, povo esse desalojado de suas terras pelo governo ditatorial na década de 60, o que lhe resultou em diversos processos de extradição e ameaças contra a sua vida. Atualmente, Casaldáliga é bispo emérito em São Felix do Araguaia. Cabe lembrar ainda, que o bispo foi condecorado com o título de doutorado *honoris causa* pela Universidade do Estado de Mato Grosso em Dezembro de 2017, como reconhecimento de suas lutas pelas minorias no estado. Tendo vivido o contexto opressor dos conflitos armados no Mato Grosso, Casaldáliga testemunha a violação de direitos humanos reservada a um invisível social esquecido às margens da colônia fronteira. É o teor testemunhal dessa lírica que nos interessa. A análise de suas obras configura-se como um espaço

de reflexão e clamor por atenção não só para sua causa temática, mas principalmente, para aquilo que faz do homem, em sua obrigação de único ser conscientemente desenvolvido do universo, a necessidade de indignar-se e transformar uma realidade aquém dos liames do aceitável. Em uma linguagem poética e mundialmente aclamada, Casaldáliga equilibra, em suas obras, denúncia e concepções jurídicas que requerem ao leitor que ultrapasse os moldes do mero expectador da beleza das representações artísticas e atinja um comportamento também engajado, sensível à função máxima da arte, que é inquietar o ser humano. O aporte teórico também compreende autores que defendem a relação entre o direito e literatura, tais quais François Ost (2005), Germano Schwartz (2006), Antônio Candido (1982; 1989; 2000), Arnaldo Sampaio (2008), Lênio Streck e André Karam Trindade (2013).

Palavras-chave: Direito e literatura; Pedro Casaldáliga; direitos fundamentais; mato-grosso;

RESUMO 8

LITERATURA, DEMOCRACIA E REPRESENTAÇÃO EM DISPUTA: O HOMEM NEGRO EM “AMORES EXILADOS”, DE GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

Eduarda Lamanes Gomes (UNB)

RESUMO

Este texto tem como objetivo principal discutir a representação de pessoas negras na literatura sobre a ditadura militar brasileira (1964 – 1985). Para tanto, faço uma reflexão sobre como, usualmente, negras e negros são desenhados por obras literárias e históricas que têm como um de seus objetivos preservar experiências e memórias de acontecimentos que mobilizaram o país. Em seguida, são levantados alguns documentos sobre como, a despeito do apagamento percebido nas obras artísticas, dá-se a participação de pessoas e movimento negros durante os “anos de chumbo”. Por fim e de posse dessas discussões, a obra de Godofredo de Oliveira Neto toma o foco das análises, em relação à forma como constrói o personagem, Lázaro, negro, baiano e militante, exilado em Paris nos anos 70. Para isso, são mobilizados alguns aportes teóricos que discutem, especialmente, a representação de personalidades e personagens negras e negros no Brasil.

PALAVRAS-CHAVES: Ditadura; Negritude; Representação; Romance; Contemporaneidade.

RESUMO 9

VOZES DE MULHERES: O ENTRECRUZAR DA ESCRIVÊNCIA E O POETAR DE AMÉLIA DALOMBA E CONCEIÇÃO EVARISTO

Edivania Souza Vieira (UNEB)

Vozes de Mulheres: o entrecruzar da escrivência e o poetar de Amélia Dalomba e Conceição Evaristo propõe investigar a escrita literária de autoria feminina nas obras *Noites Ditas à Chuva* (2005), de Amélia Dalomba, e *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* (2017), de Conceição Evaristo, a fim de estabelecer uma conexão entre o espaço cultural e de vivências dessas mulheres, tendo como foco principal as imagens produzidas a partir dos contextos nos quais as autoras se situam: Angola e Brasil. Tais autoras produzem suas poéticas a partir de sua condição de mulher e sujeito político, apontando para uma perspectiva histórica crítica

assentada na memória social da qual fazem parte. A importância deste estudo consiste em discutir, através da escrita feminina, os acontecimentos históricos e sociais que acometeram Angola e Brasil, considerando os seus contextos e todo o processo político correspondente a complexos projetos de nação. Busca-se, por meio deste, dar visibilidade às séries de fatores que ocorreram ao longo da história destes países, como os fatos e eventos sociais e políticos que se sucederam no decorrer da suas trajetórias de independência política e constituição como Estados-nação. Para o desenvolvimento deste trabalho, entre outros dialoguei com autores como: Ecléa Bosi (1994) que aborda questões referentes à memória; sobre o texto poético e sua relação com a história, Antônio Cândido (2006) e Conceição Evaristo (2005), com o conceito de escrevivência.

Palavras-chave: Poema. História. Angola. Brasil. Amélia Dalomba. Conceição Evaristo.

RESUMO 10

Denúncia e literatura: O Regime militar brasileiro e a voz de Heloneida Studart na *Trilogia da Tortura*

Evelyn Mello (UNESP – FCLAr – CAPES)

Maria Clara Bonetti Paro (orientadora)

RESUMO:

A finalidade do presente trabalho é resgatar a importância da autora Heloneida Studart para os estudos referentes ao Romance de Protesto, nomenclatura utilizada por Malcolm Silverman (1996) para caracterizar a literatura escrita durante e após o Regime Militar Brasileiro (1964-1985) com o claro propósito de denunciá-lo. Para tanto, à luz de propostas como a de Alfredo Bosi, em *Literatura e Resistência*, procurar-se-á problematizar em que matizes estéticos são compostas a resistência contra o Regime Militar na *Trilogia da Tortura* de Heloneida Studart. O primeiro romance a compor a série é *O pardal é um pássaro azul* (1975), seguido por *O estandarte da agonia* (1981) e, por último, *O torturador em Romaria* (1986). As duas primeiras obras foram escritas e publicadas no período do regime militar, sendo assim, a primeira traça de modo discreto a prisão de João, membro da poderosa família dos Carvalhais Medeiros, entremeando as denúncias de tortura e do absurdo da prisão com a opressão sofrida pela mulher na atrasada sociedade nordestina. Já em *O Estandarte da Agonia*, a autora dará vazão à angústia de sua amiga íntima, Zuleika Angel Jones e seu calvário para resgatar o corpo do filho, Stuart Edgard Angel Jones, morto pela repressão na década de 1970. Última obra a compor a trilogia, *O torturador em romaria* (1986), publicada já em tempos de democracia, pode ser considerada como um acerto de contas com o passado e a voz que narra é a do torturador que, após viajar em missão para o Ceará, começa a ser atormentado pelos crimes que cometeu, como se os fantasmas dos torturados voltassem para cobrar por justiça. Também se salienta no romance a misoginia do torturador, criado sem a figura materna e atormentado por uma tia de criação; a maldição do torturador será apaixonar-se pela misteriosa Dorinha. Heloneida Studart à época era jornalista e presidente do sindicato Entidades Culturais (Senambra), presa no período Médici, presenciou, ainda que por pouco tempo, a tortura de presos políticos no presídio São Judas Tadeu, experiência esta que alimentaria a ficção aqui abordada.

Palavras-chave: Heloneida Studart; Literatura Brasileira; Ditadura Militar Brasileira; resistência.

RESUMO 11

AUTO DO CALDEIRÃO: A RESISTÊNCIA DE VOZES SILENCIADAS

Fabíula Martins Ramalho (UNB)

RESUMO: A peça “Auto do Caldeirão” escrita pelo dramaturgo e poeta cearense Oswald Barroso, em 1985, reconta a história de resistência e de luta da comunidade do Caldeirão, fundada e liderada pelo Beato José Lourenço, entre 1927 e 1936, e de como as vozes pertencentes a essa comunidade foram silenciadas, por meio das forças repressoras do Estado, mas não esquecidas por quem testemunhou os fatos ocorridos no Sul do Ceará. Escrita em forma de cordel, permeada de elementos da cultura popular, rica em significados, com texto ágil e engajado, a peça mostra a trajetória de uma comunidade, aparentemente sem nobreza, principalmente diante das autoridades públicas, que tinha um projeto de trabalho coletivo e igualitário para as pessoas sem terra, marginalizadas e empobrecidas. O texto teatral utiliza elementos da cultura e da literatura popular, além dos testemunhos sobre as vozes silenciadas da história, para apresentar o conflito existencial, social, religioso e cultural do Caldeirão. Desse modo, a partir dos conceitos que englobam as narrativas de resistência (Alfredo Bosi), a literatura de testemunho (Seligmann-Silva) e as relações entre literatura, história e sociedade (Antonio Candido), este trabalho pretende analisar do ponto de vista dialético-crítico como o “Auto do Caldeirão” reflete o modo de resistir de um povo e o embate de duas visões de mundo opostas, muitas vezes irreconciliáveis, que mostram a ferida aberta entre o “Brasil real”, o do povo, e o “Brasil oficial”, das elites.

Palavras-chave: Teatro; Resistência; Testemunho; Cultura popular; História; Sociedade.

RESUMO 12

O CORPO SILENCIADO: OS DESDOBRAMENTOS DA VIOLÊNCIA DITATORIAL NOS CONTOS DE BERNARDO KUCINSKI

Fernanda Reis da Rocha
Helena Bonito Couto Pereira

RESUMO: Durante o mandato do general Emílio G. Médici (1969-1974), a Ditadura Militar (1964-1985) conheceria seus anos de maior truculência, violência e opressão: todo indivíduo que demonstrasse posicionamentos contrários aos ditames vigentes e/ou que possuísse laços diretos ou apenas supostos com organizações de esquerda encontrava-se à mercê de violações traumáticas e extremas (a tortura, o banimento, o assassinato e o desaparecimento). As trajetórias daqueles cujas vozes foram silenciadas viriam à tona por meio de testemunhas, que tomaram para si a responsabilidade de transmitir e revelar acontecimentos inenarráveis, e por meio de manifestações artísticas dispostas a representar e re-significar – utilizando-se de recursos e das ideias de despedaçamento, trauma, ausência e destituição de humanidade – tal contexto. O presente trabalho propõe-se a analisar as vozes narrativas e os personagens centrais de dois contos de *Você vai voltar pra mim e outros contos*, coletânea do escritor e jornalista Bernardo Kucinski publicada em 2014: “Sobre a natureza do homem” e “Tio André”. Ambas as

ficções teriam como pano de fundo os anos posteriores à ditadura e denotariam o quanto esta afetou decisivamente não só o destino de alguns indivíduos, mas de toda a sociedade e suas futuras gerações. Presos e torturados devido à proximidade com militantes procurados pela repressão (o narrador Rui e o irmão José), Imaculata e André apresentam-se incapacitados de verbalizar, por si mesmos as barbaridades impostas a seus corpos e mentes: a protagonista feminina encontra-se apartada do mundo e de sua própria vida em decorrência de uma série de fatalidades iniciadas no momento de sua detenção (abalo emocional, passagem por um hospital psiquiátrico, a reclusão silenciosa em um sítio sob os cuidados dos familiares); já o suicídio configurou-se como o caminho escolhido pela figura masculina a fim de libertar-se de traumas jamais superados.

PALAVRAS CHAVE: Regime Militar Brasileiro; Literatura Contemporânea; Bernardo Kucinski; Tortura.

RESUMO 13

MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NA LITERATURA CARIBENHA: VOZES DE REVOLTA EM *EL REINO DE ESTE MUNDO* DE ALEJO CARPENTIER

Flávio Reginaldo Pimentel (IFPA - PUC/SP)

Resumo: O presente trabalho é resultado de leituras e reflexões feitas das obras do escritor cubano Alejo Carpentier, em especial *El reino de este mundo* (1949). A obra foi escrita após uma viagem do autor ao Haiti e centra sua história na revolução haitiana, na luta pela independência da França e sobre o período em que o tirano Henri Christophe (século XIX) governou aquele país. Fatos, ações, espaços e personagens contidos no romance carpentiano ajudam a construir uma narrativa onde se mesclam história, memória, identidade, resistência, luta de classes. Tal obra de Carpentier é comumente conhecida por trazer aos estudos literários o conceito de Real Maravilhoso. Nosso objetivo neste trabalho é propor uma perspectiva de análise literária diferente para *El reino de este mundo*, onde os conceitos de memória, resistência, luta de classes, luta pela liberdade, fé, religiosidade são essenciais para entendermos a obra não somente como ficção, mas como parte de um projeto ideológico do próprio autor, bem como uma obra que revela a realidade vivida pelos negros africanos trazidos ao Novo Mundo. Os personagens contidos na obra como Ti Noel, Mackandal e Boukman, que existiram de fato, representam de alguma maneira as vozes de resistência e luta contra a escravidão e pela liberdade dos negros no Haiti. Para tanto nos baseamos em Le Goff (1991), Anderson (1993), Bosi (1996), Ortiz (2013), Halbwachs (2013) entre outros.

Palavras-chave: Memórias; Resistências; Literatura caribenha; Alejo Carpentier.

RESUMO 14

JOHNNY CHIEN MÉCHANT DE EMMANUEL DONGALA: NARRAR PARA RESISTIR

Gisele P. Martins (Universidade Federal de Uberlândia/FAPEMIG)

Orientação: professora doutora Maria Suzana Moreira do Carmo

A obra *Johnny Chien Méchant*, do escritor congolês Emmanuel B. Dongala, publicada em 2002, apresenta dois narradores em primeira pessoa, Johnny, adolescente-soldado, líder de uma milícia, e Laokolé, adolescente que busca sobreviver à pilhagem anunciada pelo grupo de Johnny e à guerra civil, que devastava seu país. Cada um dos capítulos é narrado por um dos dois personagens que mostra diferentes pontos-de-vista para o mesmo evento, ou para partes de um mesmo evento. Ambos são expostos a situações de extrema violência e total descaso social. Segundo Alfredo Bosi (2002), as narrativas de resistência podem contemplar o tema ou a forma da escrita. Este estudo visa mostrar como o romance de Dongala inscreve-se em uma narrativa de resistência pelas duas vias assinaladas por Bosi, ou seja, tanto em seu aspecto temático quanto em sua forma de escrita. Quanto ao aspecto temático, Dongala expõe os horrores de uma guerra civil em que os “soldados” são meninos sem nenhuma condição emocional de vivenciarem tal experiência. Esta opção temática mostra-se como uma forma de resistir à banalização desta situação social e eticamente insuportável, tornando visível, ficcionalmente, o quanto essas crianças e adolescentes estão deslocados da infância e da adolescência e vivem à deriva, numa sociedade que se omite e ignora o direito à vivência plena dessas fases da vida. A explicitação desse tema está associada, também, ao foco narrativo escolhido pelo autor, que dá voz tanto ao soldado-adolescente, quanto a uma de suas vítimas, sugerindo que ambos são vítimas ocupando lados opostos. Em seu aspecto da escrita de resistência, trata-se de uma narrativa que, como arte, escolhe “tudo quanto a ideologia dominante esquece, evita ou repele” (BOSI, 2001, p. 122), uma vez que narrar na perspectiva de adolescentes africanos pobres e desamparados é resistir, é ficcionalizar uma parte da sociedade esquecida pelas ideologias e pelas políticas públicas que não as enxerga socialmente e que não se veem responsáveis por salvaguardar suas vidas e seu futuro; o propósito deste trabalho é, portanto, elucidar a construção de um texto narrativo “como uma formação simbólica grávida de sentimentos e valores de resistência” (BOSI, 2001, p. 132) já que há toda a simbologia da resistência da personagem Laokolé, que, num crescente narrativo, vai ampliando suas dimensões e, sobrepujando seu agressor, torna-se um símbolo de resistência humana e social.

Palavras-chave: literatura africana, Emmanuel Dongala, resistência, adolescência.

RESUMO 15

CORPO, EXÍLIO E MEMÓRIA EM “CONVERSAS SOBRE A CASA (NO DEPARTAMENTO DE DEPORTAÇÃO)”, DE WARSAN SHIRE

Jéssica Fabrícia da Silva (UNICAMP/IEL)

RESUMO: Warsan Shire, poeta que ficou mais conhecida após seus poemas terem sido transpostos para o curta-metragem *Lemonade* (2016), carrega em si, enquanto indivíduo, a questão da imigração e do exílio, já que ela nasceu no Quênia, em 1988, mas se reconhece enquanto somali – nacionalidade de seus pais, refugiados –; entretanto, a poeta ainda criança emigrou para a Inglaterra, onde cresceu. Assim, no poema “Conversas sobre a casa (no departamento de deportação)”, Warsan Shire constrói um eu-lírico que fala não apenas do exílio e da perda da casa enquanto território-nação, mas também do sentimento de ser mulher e se encontrar em uma dupla violência, pois ser mulher imigrante é ser um corpo abjeto: “Eu quero me deitar, mas esses países são como tios que te tocam quando você é uma criança adormecida. Olhe para todas essas fronteiras, espumando pela boca com corpos quebrados e desesperados” (SHIRE, 2011, p.25). Para essa comunicação, utilizar-se-á, como ponto central da análise, os pensamentos de Márcio Selligmann-Silva (2003, 2012), no que tange o testemunho e a memória,

e Gayatri Chakravorty Spivak (2010), no que concerne a mulher subalterna, além de outros teóricos que discutem a questão do exílio, do corpo e da violência.

Palavras-chave: exílio, corpo, testemunho, subalternidade, poesia africana.

RESUMO 16

ALLAH N'EST PAS OBLIGE: TESTEMUNHO E LIEUX DE MEMOIRE.

Maria Suzana Moreira do Carmo (Universidade Federal de Uberlândia)

RESUMO: *Allah n'est pas obligé* (2000), traduzido no Brasil por Flávia Nascimento [Alá e as crianças-soldados] e publicado, em 2003, pela editora Estação Liberdade, foi o quarto romance do escritor marfinense Ahmadou Kourouma, cuja obra possui um caráter fundamentalmente referencial e apresenta inúmeras alusões geoculturais, religiosas e políticas da África subsaariana. Com um referente histórico recente, Kourouma aborda, neste romance, questões não apenas políticas, mas cancos sociais de difícil resolução como o recrutamento de crianças para as guerras tribais, o uso de drogas no aliciamento de menores ou o uso de meninas para satisfação sexual de soldados ativos. Narrado em primeira pessoa por Birahima, criança-soldado das guerras da Libéria e de Serra Leoa, a obra tangencia uma questão cara ao autor, a de traduzir, com todos os riscos que a tarefa implica, a indizível violência de uma realidade arrasadora e trágica. Birahima também encarna, em certa medida, uma outra aspiração de Kourouma: a de retratar e divulgar, ainda que ficcionalmente, “a História da ‘nova’ África desde seu contato com o Ocidente até às guerras etnotribais” (DIANDUE BI KACOU, 2003, p. 6). Para tanto, a criança-soldado, reconhecendo suas limitações expressivas, as particularidades do francês da África e dos palavrões recorrentes que poderiam, eventualmente, comprometer a recepção de seu testemunho, tanto com os brancos ocidentais quanto com os pretos nativos, cerca-se de quatro dicionários para que seu “*blablabá* seja lido por todo tipo de gente” (KOUROUMA, 2000, p. 11). Este trabalho propõe, portanto, a análise do texto literário sob a perspectiva da construção de uma narrativa ficcional que, em sua estreita relação com uma realidade de violência pontual, poderia constituir-se em testemunho e *lieux de mémoire* das inúmeras vítimas silenciadas de atrocidades ainda em curso.

Palavras-chave: Ahmadou Kourouma, crianças-soldados, guerras tribais, literaturas africanas.

RESUMO 17

ESTILHAÇOS DE QUEM ESPERA, UMA LEITURA DE “A DOR”, DE MARGUERITE DURAS

Natasha Magno Francisco Dos Santos (UNICAMP-SP)

Esta comunicação visa a análise da obra testemunhal “A dor”, de Marguerite Duras e pretende refletir sobre a questão da “mímesis”, a partir do tema paradigmático sobre a escrita de si, com base nas discussões que permeiam a crítica literária e nas relações íntimas entre a teoria da escrita autobiográfica, dentro do contexto da teoria que envolve o testemunho. Tratar-se-á da obra propondo um confronto entre sua análise com o conceito atualmente predominante quanto ao teor testemunhal, as escritas de si os limites da representação, principalmente formulados por Adorno, Walter Benjamin e por outros teóricos que contemplam essa temática. Na produção literária do pós-guerra é notável uma certa escassez de narrativas autobiográficas

ou narrativas ficcionais baseadas nas memórias de mulheres que participaram de diferentes formas das atrocidades que envolveram o Holocausto, desde as narrativas das que foram enviadas aos campos de concentração até as que ficaram à espera de notícias dos sobreviventes ou se envolveram nas lutas armadas de guerrilhas. Dentro deste contexto, a escrita testemunhal de Marguerite Duras é uma das poucas produções literárias sobre esse período e tentar-se-á também compreender a experiência de gênero na militância, o silêncio na produção literária imposto às mulheres, e as experiências pessoais e políticas dessas mulheres como fatores que contribuem para o paradigma do testemunho de um período traumático, marcado pela necessidade narrar/contar e, ao mesmo tempo, pela impossibilidade de falar de si. Em “A dor”, Marguerite Duras mescla suas experiências pessoais e a ficção para mostrar como era o cotidiano de uma mulher antes, durante e depois da segunda guerra. O foco do livro acontece fora do campo de batalha, e revela um universo individual da autora e – de certa maneira representativo de outras mulheres, que esperaram informações dos milhares que foram deportados para os campos de concentração. A angústia da separação, a ausência de informações e a luta da resistência francesa contra a ocupação alemã, são temas importantes da sua obra e apontam como uma guerra modifica cruelmente uma mulher; “A dor é uma das coisas mais importantes de minha vida”, afirma Duras (DURAS, 1986, p. 8).

Palavras chaves: Testemunho. Escrita de si. Escrita de si e gênero. Literatura e mulheres

RESUMO 18

REPRESENTAÇÕES CULTURAIS AMAZÔNICAS POR MEIO DO OLHAR CONSTITUTIVO EM *VERDE VAGOMUNDO*, DE BENEDICTO MONTEIRO

Regina Costa Nunes Andrade

RESUMO: As comunidades amazônicas passam, com o processo globalizatório, a serem reorganizadas de diversas maneiras. É sob este foco que propomos refletir sobre as influências na formação cultural amazônica dentro do universo (re)criado em *Verde Vagomundo*, a tradução desses sujeitos dentro do romance, pois segundo Hall (2003) é impossível refutar ou fugir do processo de globalização, visto que nenhuma nação está alienada às demais. Sendo a literatura retratadora dos saberes e práticas sociais em seus vários aspectos, pretendemos abordar a representação do sujeito (ser) amazônico dentro da obra *Verde Vagomundo*, de Benedicto Monteiro, sendo esta a primeira obra de sua *Tetralogia Amazônica*. Dialogaremos, também, com a problemática do estilo “colagem” e o pretensão documentarismo de Monteiro, bem como analisar a estratégia estabelecida por meio dos relatos e a questão da fidelidade/subjetividade do narrador-protagonista. Para a elaboração de nossa análise, lançaremos mão dos conceitos trabalhados por Stuart Hall em *Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais* e *A identidade cultural na pós-modernidade*; Homi Bhabha, em *O Local da Cultura*; Zigmund Bauman, em *Identidade*; e Ana Pizarro, em *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização*. Além destes, usaremos outros teóricos, conforme referencial bibliográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; literatura; Amazônia; identidade.

RESUMO 19

HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: UM DEBATE NECESSÁRIO

Roberta Cristina de Oliveira Saçço (UFJF)

RESUMO: Esta comunicação aborda a importância do testemunho para a re (construção) de uma identidade nacional pós-ditadura militar no Brasil. Instauramos nossa discussão tendo como embasamento teórico estudos sobre o trauma de Sigmund Freud. Dentro das discussões acerca da possibilidade ou impossibilidade do testemunho na cena brasileira, partiremos das análises de Márcio Seligmann-Silva associando suas pesquisas a teoria psicanalítica do trauma. Nosso objetivo é investigar se a ausência do testemunho está relacionada a um bloqueio imposto pelos donos do poder ou a um período de latência oriundo do próprio evento traumático. De forma paralela analisaremos o romance “K. Relato de uma busca” de Bernardo Kuscinski. O autor é irmão de Ana Rosa Kuscinski, desaparecida política na época da ditadura civil-militar de 1964-1985. Nosso objetivo é investigar as consequências do silêncio tanto na estrutura psíquica dos sobreviventes quanto na sociedade brasileira de um modo geral.

Palavras-chave: Ditadura militar; trauma; ficção; testemunho.

RESUMO 20

ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO: A NARRATIVA COMO RESISTÊNCIA EM “OS COMPANHEIROS”, DE CAIO FERNANDO ABREU

Rosicley Andrade Coimbra (UFG/PPGLL-Capes)

RESUMO: Em seu livro *Tempo passado* (2007), Beatriz Sarlo escreveu: “Propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada”. E ainda: o tempo passado “é um perseguidor que escraviza ou liberta, [pois] sua irrupção no presente [só] é compreensível na medida em que seja organizado por procedimentos da narrativa”. Assim, seguindo essa trilha deixada pela crítica argentina, compreendemos que narrar é uma forma de organizar e configurar lembranças usando expedientes da narrativa. Narrar, na perspectiva de Sarlo, seria um ato de resistência aos impulsos da memória que quer ser esquecida. Partindo dessas considerações pretendemos analisar como memória e esquecimento se articulam no conto “Os companheiros”, de Caio Fernando Abreu, publicado no livro *Morangos mofados*, em 1982. Trata-se de categorias importantes que refletem as tensões oriundas de experiências ditatoriais, principalmente quando consideramos um terceiro elemento, o silêncio, que pode ser visto ora como resistência, ora como proteção contra a repetição da cena traumática. O silêncio é abalado por lembranças que aparecem involuntariamente, ganhando peso e urgência de uma narração. Há um dever ético, uma “força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito”, para falar com Alfredo Bosi (2002), que impulsiona o narrador a verbalizar experiências malsucedidas. Nesse sentido, a resistência se incorpora ao próprio processo de escrita, manifestando-se na inquietação das personagens do conto, divididas entre “Ir Direto Aos Fatos” ou simplesmente “virar o disco para libertar um blues ainda mais agônico”, hesitando entre o narrar e o silenciar. Com este trabalho espera-se demonstrar como Caio Fernando Abreu articulou questões históricas em sua literatura – como às ligadas à ditadura militar –, lançando um olhar reflexivo e crítico sobre pontos nunca mencionados pela história oficial, como o trauma e as narrativas dos sobreviventes.

Palavras-chave: Recordar; Esquecer; Narrativa e resistência; Ditadura Militar.

RESUMO 21

LITERATURA INDÍGENA E SEUS PROCESSOS DE RUPTURA COLONIAL: UM ESTUDO A PARTIR DA PESQUISA DENOMINADA “ESTADO DA ARTE”

Rosiler dos Santos Silva (Universidade do Estado Bahia)

Esse texto nasce da minha experiência com o tirocínio na disciplina *Língua e Cultura Indígena* do curso de Letras. Organizei a disciplina em três eixos (Cultura, literatura e educação), desses temas elegi a literatura como norteadora das discussões e conectora dos outros dois eixos. Esse processo possível porque a prática literária indígena dialoga com campos diversos, a exemplo da antropologia, história, sociologia ao mesmo tempo valoriza as tradições, cultura e experiências dos povos originários. Para além disso incorpora toda a cosmologia indígena, bebe da imensa e simbólica fonte dos mitos, cantos, poemas e saberes ancestrais, que mesmo entrando em um processo de transcrição, editoração e publicação, é fortemente marcada por narrativas orais e que se coloca como instrumento de conscientização, formação, força e liberdade. Essa experiência me motivou a buscar estudos e produções acadêmicas sobre a Literatura indígena, e para isso realizei a pesquisa bibliográfica denominada “Estado da Arte”. Assim, o trabalho objetiva apresentar os resultados dessa pesquisa, na qual se baseia na busca de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses publicadas e/ou defendidos em todo país. Nesse caso recorri ao banco de teses e dissertações da CAPES de 2013 a 2018 das universidades públicas de todo Brasil. Com estado da arte foi possível sistematizar um quadro do referências teóricas mais citadas e utilizadas em trabalhos acadêmicos e ampliar as perspectivas referente ao tema.

Palavras-Chaves: literatura-indígena; oralidade-escrita; engajamento-ruptura

RESUMO 22

O ATIVISMO E A MILITÂNCIA DAS MULHERES PRETAS E FAVELADAS EM PROL DA EMANCIPAÇÃO DE SEUS CORPOS: UMA ANÁLISE SOBRE O CONTO *LUAMANDA* E A POESIA *PRETA EM DESABAFO*

Samara Ferreira de Jesus (UNEB)

O presente estudo pretende discutir/refletir o ativismo e a militância das mulheres negras e faveladas na emancipação de seus corpos, no conto *Luamanda* da escritora Conceição Evaristo e na poesia *Preta em Desabafo* de autoria, Taís do Movimento Coletivo Mulher Quebrada. O exposto tem por objetivos, analisar como se dá a libertação das mulheres negras no conto e poesia; discutir nas obras o processo de transgressão das mulheres negras na construção de suas identidades e reflexionar como esses escritos contribui para a visibilidade dos movimentos sociais e ativistas negros. Abordar o presente tema se faz necessário, por que não é apenas dá voz a literatura negra e as mulheres que vivem as margens do campo social, mas analisar as vozes que saíram dos papéis e ganharam as ruas, num movimento de relutância, ativismo, emancipação e militância, a luta das pretas/negras em prol de suas vidas. Tendo seus corpos como campos de expressão e não meras peças de pontos turísticos, mas símbolos de independência/libertação e voz. Este trabalho tem por finalidade abordar, como mulheres

negras das margens periféricas emanciparam suas mentes em um movimento de liberdade, indo contra os paradigmas sociais. Diante do posicionamento/visibilidade que as mulheres negras estão conquistando aos poucos na sociedade e como por muito tempo a literatura foi e ainda é um campo onde estás tiveram e têm vozes, ainda que fossem coagidas pelos meios e sua escrita de alforria, ainda que, para expressarem seus pensamentos de liberdade em prol não de uma mulher, mas de várias outras até então silenciadas/oprimidas, fossem ir contra aos preceitos de um campo social intolerante e hostil. A mulher negra na contemporaneidade se movimenta a fim de mover toda uma estrutura política autocrata. Dessa forma esses movimentos em obras literárias, como é nos escritos de Conceição Evaristo quanto na poesia proclamada nas ruas do movimento Coletivo Mulheres Quebradas.

Palavras-chave: Ativismo. Militância. Emancipação. Mulheres Negras

RESMUNO 23

POESIA, MEMÓRIA E “TEOR TESTEMUNHAL” EM *ANAMNESE*, DE ALEXEI BUENO

Saulo Martins dos Santos (Universidade Federal de Goiás - CAPES)

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ferraz de Paula

Esta comunicação propõe uma leitura de alguns poemas que compõem *Anamnese* (2016), publicado por Alexei Bueno, a partir da noção de “teor testemunhal” desenvolvida por Márcio Seligmann-Silva (2008). Os textos selecionados são: “Dobrado do Estado Islâmico”, “Le tombeau de Jihadi John” e “Século XXI” que, no conjunto de 131 poemas do livro, prologam, renovam e aprofundam temas e modalidades estilísticas que comparecem em toda a poesia de Alexei Bueno, indicando uma mudança em sua dicção poética, que se afasta de uma poesia hermética e metafísica (SARAIVA, 2017). Assim, em uma leitura geral de *Anamnese*, compreende-se que o processo de composição dos textos opera por cortes e recortes no *continuum* da história do sujeito poético impresso em cada poema do livro, ou seja, as memórias individuais, familiares e coletivas são recuperadas por meio de um trabalho arqueológico e modificam o passado já fixado, estabelecendo uma nova ordem correlacional que acrescenta novos significados ao tempo presente (MIRANDA, 2000). A esses poemas que evocam lembranças familiares, que homenageiam os mortos e que recordam os espaços urbanos modificados ao longo das décadas, inserem-se poemas contingências e de ímpeto irônico. Esses movimentos na poesia de Alexei Bueno são um dos motivos para que se possa pensar o valor dado pelos poetas contemporâneos à memória. Em *Anamnese*, o trabalho arqueológico que pretende recuperar do passado volta-se também para o presente, indicando uma preocupação com o sujeito e o mundo contemporâneos, como evidenciam os três poemas que são objeto desta comunicação. Sendo assim, em um primeiro momento discutir-se-á um dos traços da reconfiguração da memória na poesia de Alexei Bueno segundo as considerações de Célia Pedrosa no ensaio “Traços de memória na poesia brasileira contemporânea” (2000). Após essa reflexão sobre a função da memória na poesia produzida a partir de meados da década de 1980, a discussão será norteadas por uma ressalva feita por Wilberth Salgueiro sobre a poesia brasileira atual. Segundo esse crítico, os poetas contemporâneos têm demonstrado certa incapacidade de testemunhar em seus versos os dramas coletivos, visto que estão mais interessados em seus próprios dramas e em demonstrar conhecimento do ofício (SALGUEIRO, 2015). Essa consideração suscita um retorno ao conceito de lírica moderna hegeliano, segundo o qual as formas e conteúdos do

poema lírico podem ser imprevisíveis e múltiplos (HEGEL, 2004). No entanto, para o pensador alemão, a obra de arte lírica, por seu caráter subjetivo, não deve empreender tornar presente uma coletividade, tal como a epopeia. E, embora a subjetividade da poesia lírica possa progredir para uma apreensão do universal, se ela quer se fazer válida, deve residir em sua gênese o princípio da particularização e da singularização (HEGEL, 2004). Ou seja, o sujeito, alheio aos eventos externos, deve centrar-se na linguagem como material de uma expressão única de seu âmago, de um estado elevado de alma, em detrimento à narração de acontecimentos. Essa noção hegeliana para a poesia moderna orientou as afirmações de Jean-Paul Sartre em “Que é escrever”, o primeiro capítulo do livro *Que é a literatura?* (1989). Nesse texto, o crítico francês diz sobre a incapacidade de engajamento político da poesia e, apesar de não figurar na abordagem sartreana, o testemunho, nessa perspectiva, seria incompatível ao ideal de lírica pura (PAULA, 2015). Para o autor, os gêneros prosaicos são mais suscetíveis a fatos históricos e mudanças sociais e podem narrá-los como maior veemência, visto que o “império dos signos é a prosa” (SARTRE, 1989, p. 13). Sendo assim, caberia aos gêneros narrativos (romance, conto, reportagem, etc.) assegurar o reverberar de relatos testemunhais e sua faceta engajada, em razão de a poesia estar “lado a lado com a pintura, a escultura, a música” (SARTRE, 1989, p. 13). Portanto, sob essa ótica, a poesia lírica não se serve de palavras, mas “[...] antes ela a serve. Os poetas são homens que se recusam a *utilizar* a linguagem. Ora, como é a linguagem e pela linguagem, concebida como uma espécie de instrumento, que se opera a busca da verdade, não se deve imaginar que os poetas pretendem discernir o verdadeiro, ou dá-lo a conhecer. Eles tão pouco aspiram a *nomear* o mundo, e por isso não nomeiam nada, pois a nomeação implica um perpétuo sacrifício do nome ao objeto nomeado, ou para falar como Hegel, o nome se revela inessencial diante da coisa – esta, sim, essencial” (SARTRE, 1989, p. 13, grifos do autor). O poeta, assim, se afasta da linguagem e escolhe uma atitude poética que considera as palavras como coisas e não como signos; ele “está aquém” (SARTRE, 1989, p. 13), associando vários microcosmos, como pintores que juntam cores sobre a tela ou músicos que incorporam sons em uma partitura e ambos tencionam criar objetos. Posto isso, uma questão torna-se relevante: caberia à lírica testemunhar? Segundo o professor Marcelo Ferraz de Paula (2015), há uma ambivalência quando se considera o vínculo entre poesia lírica e testemunho. Dado que a princípio, o teor narrativo do relato testemunhal e seu interesse de resgatar, através de fragmentos mnêmicos, acontecimentos passados estão em oposição à suspensão presente no ideal de lírica pura hegeliano e, posteriormente, sartreano. No entanto, parecer haver uma lacuna teórica: o testemunho e seus silêncios estão intrinsecamente permeados de recursos formais típicos do gênero lírico – metáforas, elipses, repetições, paradoxos e outros mais. E, “[...] se é certo que, mesmo escrita em verso e com uma voz lírica convencional, a escrita do testemunho requer uma dimensão narrativa que constantemente ‘traí’ o seu pendor lírico, é igualmente válido apontar que, mesmo quando formulada na linguagem em prosa do romance, da crônica ou do conto, o testemunho ativa invariavelmente traços poéticos e líricos, vide a identificação quase absoluta entre testemunho e narrativa em primeira pessoa, via de regra com narradores se deparando com os labirintos da subjetividade, ora esfacelada ora comprometida com sua sobrevivência e a do grupo social” (PAULA, 2015, p. 5). Logo, a reflexão sobre os conceitos de testemunho e de “teor testemunhal” serão a chave de leitura para os poemas de Alexei Bueno que estão inseridos no conjunto poético de *Anamnese*. Dessa maneira, serão adotados como referenciais teórico-críticos os textos de Maurice Halbwachs (1990), Eric Hobsbawm (1994), Jeanne Marie Gagnebin (2006) e Alberto Pucheu (2016), além dos já mencionados, para que os objetivos desta reflexão sejam cumpridos.

Palavras-chave: Poesia Brasileira Contemporânea. Memória. Teor Testemunhal. Alexei Bueno. *Anamnese*.

RESUMO 24

A NOITE DA ESPERA DE MILTON HATOUM: A NOITE QUE NÃO TERMINOU

Zuzana Burianová (Faculdade de Letras da Universidade Palacký em Olomouc, República Tcheca)

A comunicação tem como objetivo analisar o último livro do escritor brasileiro Milton Hatoum, *A noite da espera* (2017). Neste romance de formação, que representa o primeiro volume da trilogia *O lugar mais sombrio*, o autor, como de costume, entrelaça o drama familiar com a história do país, concentrando-se, desta vez, no ambiente de Brasília durante a ditadura militar. O seu narrador-protagonista, exilado em Paris, revê na memória, nos finais dos anos 70, a própria juventude passada na recém-inaugurada nova capital, para reconstruir e compreender o doloroso processo do seu amadurecimento. Por meio de recordações dos acontecimentos vividos em Brasília entre 1968 e 1972, misturadas com reflexões, sensações e experiências do atual exílio parisiense, ele cria um retrato fragmentado do seu passado, marcado pela dolorosa separação dos pais e pela violência do regime ditatorial. Além de evocar a atmosfera turbulenta dos anos de chumbo na capital federal, o autor neste romance capta a desilusão da geração que lutou contra a ditadura e que viu os seus sonhos e utopias de uma sociedade mais justa drasticamente esmagados. O trauma familiar, centrado na ausência da mãe e na relação problemática do protagonista com o pai, representa uma metáfora da cisão do país durante um dos períodos mais problemáticos da sua história recente, cujas consequências negativas repercutem nas décadas posteriores e desembocam na atual crise política e moral da sociedade brasileira. O romance será abordado a partir da sua inserção na literatura de testemunho, concentrando-se no modo de representação da experiência-limite, ou seja, na análise do processo de rememoração das vivências traumáticas da personagem principal.

Palavras-chave: ditadura militar, exílio, romance, testemunho, trauma

Resumo 25

ENTRE “TAREFA” E “CAFÉ CENTRAL”: O GESTO TESTEMUNHAL DE PAES DE LOUREIRO

Abilio Pacheco de Souza (Universidade Federal do Pará)

Os estados de exceção, sejam totalitários ou autoritários, representam o que de pior se viu no século XX. Além do horror do nazi-facismo na Europa, também na América Latina tivemos a instauração de regimes ditatoriais. Dias antes da instauração da Ditadura no Brasil, a juventude universitária em Belém se viu diante de atos de violação dos direitos humanos: invasão de eventos estudantis, prisões, violência física... Nos fins de Março de 1964, o então jovem poeta estreante João de Jesus Paes Loureiro teve os exemplares de seu livro “Tarefa” apreendidos por

ocasião da “noite dos lenços brancos” – como se convencionou chamar pela historiografia paraense. Além dos relatos históricos que tratam do período, o próprio Paes Loureiro – anos mais tarde – escreveu uma narrativa de testemunho sobre o período. Aqui pretendemos efetuar uma leitura do romance *Café Central*, em que o autor narra o período correspondente aos dias que antecederam o golpe no Pará e o que lhe aconteceu no período do imediato pós-golpe de 1964. Também como parte da análise utilizaremos a entrevista concedida pelo autor para a professora Edilza Fontes, que coordenou o projeto “A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)”. A professora entrevistou 48 pessoas envolvidas na luta contra o Governo Militar e que sofreram “constrangimentos e violações de direitos”. A entrevista de Paes Loureiro e o texto do romance se relacionam e se complementam formando um testemunho relevante para a compreensão do período.

UM AUTOR EM CRISE: UMA LEITURA DE *O LIVRO DOS RIOS* DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA

Liliane Batista Barros (UNIFESSPA)

Resumo: este estudo acompanha a viagem de KeneVua pelo rio Kwanza em direção ao mar e neste percurso ele busca de respostas para os conflitos que travessa que são agravados pela aparição da Jamanta negra e dos fuzileiros portugueses. O espaço percorrido pela personagem chama atenção pelo deslocamento que o autor faz da cidade de Luanda, espaço privilegiado em suas obras anteriores, para o interior do país parece que o autor passa em revista tanto a história oficial de Angola quanto as certezas políticas do período de libertação. Talvez por isso, aponte o interior de Angola como possibilidade de novos olhares e recomeço para o país após a desilusão do projeto de Independência. Para este estudo nos pautaremos em Benjamin (1994), Todorov (2002) entre outros.

Palavra-chaves: Guerra, crise, narrador, romance, Luandino Vieira.